

A RAINHA VERMELHA VOL. 2

VICTORIA AVEYARD



ESPADA

DE VIDRO

UM NOVO SANGUE COM PODERES INIMAGINÁVEIS.

A REBELIÃO NÃO SERÁ MAIS A MESMA.

SKYLINE

UM



ESTREMEÇO. ELA ME DEU UM PANO LIMPO, mas ainda tinha cheiro de sangue. Não deveria me importar com isso. Já tenho sangue pela roupa inteira. O vermelho é meu, claro. O prateado pertence a muitos outros. Evangeline, Ptolemus, o lorde ninfoide... todos que tentaram me matar na arena. Imagino que parte desse sangue também é de Cal. Ele sangrou muito sobre a areia, todo cortado e arranhado por nossos potenciais carrascos. Agora Cal está sentado na minha frente, observando os próprios pés, deixando as feridas começarem o lento processo de cicatrização. Dou uma olhada num dos muitos cortes no meu braço, provavelmente feito por Evangeline. Ainda fresco, fundo o suficiente para deixar uma marca. Parte de mim se alegra ao pensar nisto: esta incisão irregular não vai desaparecer magicamente sob as mãos frias de um curandeiro. Cal e eu não estamos mais no mundo prateado, e não há ninguém para simplesmente apagar nossas cicatrizes merecidas. Nós escapamos. *Eu* escapei, pelo menos. As correntes de Cal são um lembrete concreto de sua condição de prisioneiro.

Farley cutuca meu braço, e a delicadeza de seu toque me surpreende.

— Esconda o rosto, garota elétrica. É o que estão procurando.

Pela primeira vez, faço o que mandam. Os outros seguem meu exemplo e cobrem a boca e o nariz com um tecido vermelho. O rosto de Cal é o último a ser coberto. Ele não reage quando Farley dá um nó no disfarce dele, deixando-o

parecido com um de nós.

Se ao menos ele fosse um de nós...

Uma vibração elétrica energiza meu corpo e me lembra que estou no subtrem, pulsando e chiando. Inexorável, ele nos leva adiante, para uma cidade que um dia foi um santuário. O trem dispara e grita sobre os velhos trilhos como um lépido prateado correndo em campo aberto. Ouço o metal faiscar, sinto-o no fundo dos ossos, onde uma dor fria se instala. Minha fúria, minha força na arena parecem lembranças distantes, que deixaram para trás apenas dor e medo. Mal posso imaginar o que Cal está pensando. Ele perdeu tudo, *tudo* que amava na vida: um pai, um irmão, um reino... Como ele faz para suportar, para permanecer imóvel a não ser pelo balanço do trem? Não sei.

Ninguém precisa me dizer o motivo da pressa. Farley e seus guardas, tensos como uma corda esticada, são o suficiente para eu entender. *Ainda estamos fugindo.*

Maven já passou por este caminho antes, e passará de novo. Desta vez, com a fúria dos seus soldados, sua mãe e sua nova coroa. Ontem ele era um príncipe; hoje é o rei. Pensei que fosse meu amigo, meu noivo. Agora sei a verdade.

Confiei nele um dia. Agora sei que devo odiá-lo, temê-lo. Por uma coroa, ele ajudou a matar o próprio pai e incriminou o irmão pelo assassinato. Ele sabe que a radiação ao redor da cidade em ruínas é uma mentira, um truque; e sabe para onde o trem vai. O santuário construído por Farley não é mais seguro, não para nós. *Não para você.*

Talvez já estejamos correndo em direção a uma armadilha.

Um braço me envolve com força ao perceber meu desconforto. *Shade.* Ainda não consigo acreditar que meu irmão está aqui, vivo — e, ainda mais estranho, igual a mim. Vermelho e prateado, e mais forte que ambos.

— Não vou deixar pegarem você de novo — ele sussurra tão baixo que quase não consigo escutar. Imagino que lealdade a qualquer coisa que não seja a Guarda Escarlata não seja permitida, ainda que se trate de um familiar. — Prometo.

A presença dele me acalma, me faz voltar no tempo. Até uma primavera chuvosa, antes de ele ser recrutado, quando ainda podíamos fingir ser crianças. Não existia nada além da lama, do povoado e do nosso hábito idiota de ignorar o futuro. Agora só consigo pensar no futuro, só consigo me perguntar a que caminhos sombrios meus atos vão nos levar.

— O que vamos fazer agora? — Minha pergunta é dirigida a Farley, mas meus olhos encontram Kilorn. Ele está bem atrás dela, um guardião obediente, com o queixo rígido e ataduras ensanguentadas. E pensar que ele era aprendiz de pescador não faz muito tempo. Assim como Shade, ele parece deslocado, um fantasma de uma época anterior a tudo isto.

— Sempre há para onde correr — Farley responde, mais concentrada em Cal do que em qualquer outra coisa. Ela fica à espera de que ele lute, resista, mas ele não faz nada disso. — E não desgrude dela — Farley diz para Shade depois de um longo momento. Meu irmão assente e sinto a palma da sua mão pesar mais no meu ombro. — Não podemos perdê-la.

Não sou general nem estrategista, mas o raciocínio dela é claro. Sou a menininha elétrica — eletricidade viva, relâmpago em forma humana. As pessoas sabem meu nome, conhecem meu rosto e meus poderes. Sou valiosa, sou poderosa, e Maven fará qualquer coisa para me impedir de contra-atacar. Como meu irmão pode me proteger da perversão do novo rei — mesmo sendo igual a mim, mesmo sendo a coisa mais rápida que já vi —, não sei. Mas preciso acreditar, ainda que pareça um milagre. Afinal, tenho visto tantas coisas impossíveis. Outra fuga seria só mais uma.

Ferrolhos de armas deslizam e travam com um clique que ecoa no fundo do trem à medida que a guarda se prepara. Kilorn se posiciona perto de mim, segurando firme o rifle atravessado no seu peito. Ele olha para baixo com uma expressão suave. Tenta dar um sorrisinho para me fazer rir, mas seus olhos verdes e brilhantes estão sérios e temerosos.

Em contrapartida, Cal está sentado em silêncio, quase em paz.

Embora seja quem mais tem motivos para temer — acorrentado, cercado de inimigos, caçado pelo próprio irmão —, ele parece sereno. Não estou surpresa. Ele é um soldado de nascença e criação. Guerra é uma coisa que ele entende, e com certeza estamos em guerra agora.

— Espero que vocês não estejam pensando em lutar — ele diz, falando pela primeira vez em muito tempo. Seus olhos estão fixos em mim, mas suas palavras provocam Farley. — Espero que planejem fugir.

— Poupe o fôlego, prateado. — Ela endireita os ombros. — Sei o que temos de fazer.

— Ele também sabe. — Não consigo segurar as palavras.

Farley lança um olhar ardente para mim, mas já suporrei pior. Nem estremeço.

— Cal sabe como eles lutam — continuo. — Sabe o que vão fazer para nos impedir. Use-o.

Qual é a sensação de ser usada? Ele cuspiu essas palavras na minha cara quando estávamos na prisão debaixo do Ossário e tive vontade de morrer. Agora quase não dói.

Ela não fala nada, e isso basta para Cal:

— Vão vir com os Dragões — ele diz, sombrio.

— Como se existissem! — Kilorn ri alto.

— São jatos — Cal diz com o olhar brilhando de desgosto. — Asas laranja, fuselagem prateada, um único piloto, fácil de manobrar, perfeito para ataques urbanos. Cada um carrega quatro mísseis. Se multiplicarmos por um esquadrão, são quarenta e oito mísseis de que vocês têm que correr, além da munição leve. Conseguem lidar com isso? — A resposta é apenas o silêncio. *Não, não conseguimos.* — E os Dragões são a menor das nossas preocupações. Eles só vão circular, defender o perímetro, nos manter no lugar até as tropas terrestres chegarem. — Ele baixa os olhos, pensando rápido. Está se perguntando o que faria se estivesse do outro lado, se fosse o rei em vez de Maven. — Vão nos cercar e apresentar seus termos. Mare e eu em troca de deixar vocês escaparem.

Outro sacrifício. Devagar, respiro fundo. Esta manhã, ontem, antes de toda esta loucura, eu teria ficado feliz de me entregar para salvar apenas Kilorn e meu irmão. Mas agora... Agora sei que sou especial. Agora tenho outros para proteger. Agora não podem me perder.

— Não podemos concordar com isso — digo. Uma verdade amarga. O olhar de Kilorn pesa sobre mim, mas não o encaro. Não conseguiria digerir seu julgamento.

Cal não é tão duro quanto eu. Ele acena com a cabeça, concordando comigo.

— O rei não acha que vamos ceder — ele comenta. — Os jatos vão derrubar as ruínas sobre nós, e o resto vai varrer os sobreviventes. Será um pouco mais do que um massacre.

Farley é orgulhosa, até quando está em um beco sem saída terrível, como agora.

— O que você sugere? — ela pergunta, se inclinando sobre ele. As palavras dela jorram desdém. — Rendição total?

— Maven ainda mataria você. Seja em uma cela ou no campo de batalha, ele não vai deixar nenhum de nós viver — Cal diz, com uma expressão de nojo em seu rosto.

— Então é melhor morrer lutando. — A voz de Kilorn soa mais forte do que deveria, mas seus dedos tremem. Ele parece disposto a fazer tudo pela causa como o resto dos rebeldes, mas meu amigo ainda tem medo. Ainda é um garoto com não mais de dezoito anos, com muito pelo que viver e muito pouco pelo que morrer.

Cal desdenha da declaração forçada mas corajosa de Kilorn, apesar de não dizer mais nada. Ele sabe que uma descrição gráfica da nossa morte iminente não vai ajudar ninguém.

Farley não compartilha de seu sentimento e despreza a opinião dos dois com um gesto. Atrás de mim, meu irmão parece tão determinado quanto ela.

Eles sabem alguma coisa que não sabemos, alguma coisa que não vão dizer ainda. Maven ensinou a todos nós o preço de confiar nas pessoas erradas.

— Não somos nós que vamos morrer hoje. — E tudo o que ela diz antes de marchar para a frente do trem. As botas dela contra o assoalho metálico soam como marteladas, cada passo um golpe de determinação e teimosia.

Percebo o trem desacelerar antes mesmo de sentir. A eletricidade diminui, enfraquece, à medida que deslizamos para dentro da estação. Talvez encontremos no alto do céu uma neblina branca ou os jatos de asas laranja, não sei. Os outros parecem não se importar e saem do trem com uma intenção clara. Em seu silêncio, a guarda armada e mascarada se assemelha a soldados, mas eu sei a verdade. Não são páreo para o que virá.

— Prepare-se — Cal sussurra no meu ouvido, e sua voz me dá calafrios. Lembro dos dias que já passaram, da dança sob o luar. — Lembre-se de como você é forte.

Kilorn abre caminho para o meu lado com os ombros e me separa de Cal antes que eu possa dizer que a minha força e o meu poder são tudo de que eu ainda tenho certeza. A eletricidade nas minhas veias talvez seja a única coisa em que confio neste mundo.

Quero acreditar na Guarda Escarlate e, claro, em Shade e Kilorn, mas não consigo, não depois da confusão que a minha confiança, a minha *cegueira* em relação a Maven nos meteu. E Cal está completamente fora de questão. É um prisioneiro, um prateado, o inimigo que nos trairia se pudesse — se tivesse outro lugar para onde fugir.

Mesmo assim, por algum motivo, sinto uma ligação com ele. Lembro do garoto sobrecarregado que me deu uma moeda de prata quando eu não era nada. Com aquele único gesto, ele mudou o meu futuro e destruiu o próprio.

E temos uma aliança — instável, forjada em sangue e traição. Estamos conectados, unidos contra Maven, contra todos que nos enganaram, contra o mundo prestes a se despedaçar.

O silêncio nos espera. A neblina cinzenta e úmida paira sobre

as ruínas de Naercey, trazendo o céu tão para baixo que eu poderia tocá-lo. Faz frio, o frio do outono, a estação da mudança e da morte. Nada assombra os céus ainda, nenhum jato para chover destruição sobre uma cidade já destruída. Farley impõe um ritmo acelerado e segue na frente desde os trilhos até a avenida larga e abandonada. Os escombros abrem-se como um cânion, mais cinzentos e arrasados do que me lembrava.

Marchamos pela rua em direção ao leste, rumo à orla encoberta. As estruturas altas, semidesmoronadas, inclinam-se sobre nós; suas janelas são como olhos que nos observam passar. Os prateados poderiam estar à nossa espera dentro de algum buraco, debaixo de arcos ensombrecidos, prontos para matar a Guarda Escarlata. Maven poderia me forçar a assisti-lo eliminar os rebeldes um a um. Ele não me daria o luxo de uma morte rápida e indolor. *Ou pior, penso. Ele não me deixaria sequer morrer.*

Esse pensamento faz meu sangue gelar como o toque de um calafrio prateado. Por mais que Maven tenha mentido para mim, ainda conheço um pedacinho do coração dele. Lembro dele me agarrando através das barras da cela, me segurando com dedos trêmulos. E lembro do nome que ele carrega, o nome que me faz pensar que ainda há um coração batendo dentro dele. *Seu nome era Thomas, e eu o vi morrer.* Ele não conseguiu salvar aquele garoto. Mas pode me salvar, da sua própria maneira perversa.

Não. Nunca vou lhe dar essa satisfação. Prefiro morrer.

Mas, por mais que eu tente, não consigo esquecer a sombra que pensei que ele fosse, o príncipe perdido e esquecido. Queria que aquela pessoa fosse real. Queria que ele existisse em algum lugar além das minhas lembranças.

As ruínas de Naercey ecoam de um jeito estranho, mais silenciosas do que deveriam. Então me assusto ao perceber por quê. *Os refugiados foram embora.* A mulher que varria os montes de cinzas, as crianças que se escondiam nas tubulações, as sombras dos meus irmãos e irmãs vermelhos: todos fugiram. Não sobrou ninguém além de nós.

— Você pode pensar o que quiser de Farley, mas ela não é

estúpida — Shade responde antes de eu ter a chance de perguntar. — Deu ordem para todos baterem em retirada ontem à noite, depois de escapar de Archeon. Ela pensou que você ou Maven fariam sob tortura.

Ela estava errada. Não era preciso torturar Maven. Ele forneceu as informações de livre e espontânea vontade. Abriu a mente para a mãe e a deixou revirar tudo o que tinha visto. O subterfúgio, a cidade secreta, *a lista*. Era tudo dela agora, assim como ele sempre foi.

A fileira de soldados da Guarda Escarlate estende-se atrás de nós, um bando desordenado de homens e mulheres armados. Kilorn marcha no meu encalço, o olhar centrado, enquanto Farley lidera. Dois soldados corpulentos forçam Cal a seguir os passos dela de perto, apertando bem os braços dele. Os cachecóis vermelhos os fazem parecer um pesadelo encarnado. Mas restam muito poucos de nós agora, talvez trinta, todos caminhando feridos. Tão poucos sobreviveram...

— Não temos gente suficiente para continuar com a rebelião, ainda que a gente escape de novo — cochicho para meu irmão. A neblina abafa minha voz, mas ele me escuta mesmo assim.

O canto da boca dele se contrai, como se quisesse sorrir.

— Isso não é preocupação sua.

Antes que eu pudesse insistir no assunto, o soldado na nossa frente para. Não é o único. Na frente da fila, Farley ergue o punho e crava os olhos no céu cinzento. Os demais imitam o gesto e procuram o que não conseguimos enxergar. Apenas Cal continua a olhar para o chão. Ele já sabe qual vai ser nosso destino.

Um grito distante, inumano, desce através da névoa. É um som mecânico e constante, circulando lá no alto. E não está sozinho. Doze sombras em forma de flecha disparam no céu; suas asas laranja cortam uma nuvem atrás da outra. Nunca tinha visto um jato direito, não tão perto ou sem o manto da noite, então não consigo evitar que meu queixo caia quando consigo avistá-los. Farley berra ordens para a Guarda, mas não a escuto.

Estou concentrada demais em observar o céu, em assistir à morte alada traçar um arco sobre nossas cabeças. Como a moto de Cal, as máquinas voadoras são lindas, feitas de metal e vidro inacreditavelmente curvados. Imagino que um magnetron tenha algo a ver com a fabricação — de que outra maneira metal poderia *voar*? Motores azulados faíscam sob as asas, um indício de eletricidade. Mal sinto a pontada; é como um suspiro contra minha pele, longe demais para que eu possa afetá-los. Só posso observar — horrorizada.

Eles chamam e giram em torno da ilha de Naercey sem jamais quebrar a formação circular. Quase sou capaz de fingir que são inofensivos, nada além de pássaros curiosos que vieram ver os destroços de uma rebelião. Então um dardo de metal cinza dispara sobre nós deixando uma trilha de fumaça, movendo-se tão rápido que é quase invisível. Ele colide contra um prédio no fim da avenida e desaparece dentro de uma janela quebrada. Uma flor vermelho-alaranjada explode menos de um segundo depois, destruindo todo o andar de um edifício já prestes a desmoronar. Ele se despedaça e despenca, as fundações milenares partindo como palitos de dente. A estrutura inteira pende e cai tão devagar que me faz duvidar do que estou vendo. Quando atinge a rua, bloqueando o caminho à nossa frente, sinto o tremor no fundo do peito. Uma nuvem de fumaça e poeira nos alcança, mas não me encolho. É preciso mais do que isso para me assustar agora.

Em meio à névoa cinza e marrom, Cal permanece de pé comigo, apesar de seus captores terem se abaixado. Nossos olhos se encontram por um momento, e os ombros dele caem. É o único sinal de derrota que ele me deixará ver.

Farley se agarra ao guarda mais próximo e se apoia nele para levantar.

— Se espalhem! — grita, apontando para os becos ao nosso redor. — Para o norte, para os túneis! — Ela aponta para seus tenentes enquanto fala, indicando para onde devem ir. — Shade, para o lado do parque!

Meu irmão assente; sabe o que ela quer dizer. Outro míssil desaba contra um prédio próximo e abafa a voz de Farley. Mas é fácil distinguir o que ela grita.

Corram.

Parte de mim quer se defender, resistir, lutar. Meus raios roxo-claros com certeza farão de mim um alvo e desviarão os jatos dos rebeldes fugitivos. Talvez eu leve até um ou dois aviões comigo. Mas isso não pode acontecer. Sou mais valiosa do que o resto, do que máscaras vermelhas e ataduras. Shade e eu temos que sobreviver — se não pela causa, ao menos pelos outros. Pela lista de centenas como nós — anomalias híbridas, bizarras, vermelho-prateados impossíveis de existir —, que sem dúvida vão morrer se falharmos.

Shade sabe disso tanto quanto eu. Ele agarra meu braço, apertando tanto que até machuca. Chega a ser quase fácil correr ao lado dele, me deixar guiar para longe daquela avenida larga, para o emaranhado de cinza e verde das árvores transbordando rua adentro. Quanto mais seguimos, mais densas elas se tornam, retorcidas e unidas como dedos deformados. Mil anos de abandono transformaram este pequeno lote numa selva mortal. Ela nos protege do céu, até ouvirmos apenas os jatos, circulando cada vez mais perto. Kilorn não fica para trás. Por um instante, finjo que estamos no nosso vilarejo, zanzando por Palafitas à procura de diversão e encrenca.

Parece que só encontramos encrenca.

Quando Shade afunda os calcanhares no chão e derrapa até parar, deixando marcas na terra, eu enfim tenho a chance de olhar ao redor. Kilorn para ao nosso lado, seu rifle apontado — em vão — para o céu, mas ninguém mais nos segue. Já não consigo sequer ver a rua ou os panos vermelhos fugindo entre as ruínas.

Meu irmão tenta enxergar por entre os ramos das árvores; observa e espera os jatos voarem para longe.

— Aonde estamos indo? — pergunto para ele, sem fôlego.

Kilorn responde em seu lugar.

— Para o rio — ele diz. — E então para o oceano. Você pode nos levar?

Kilorn olha para as mãos de Shade como se os poderes dele estivessem estampados na carne. Mas a força do meu irmão está enterrada, assim como a minha; é invisível até ele decidir revelá-la.

Shade nega com a cabeça.

— Não com um salto; é longe demais. Prefiro correr e poupar energia. — Seus olhos escurecem antes de ele continuar: — Até a gente precisar de verdade.

Concordo com a cabeça. Sei por experiência própria o que é fadiga de poder, sentir o cansaço nos ossos, mal conseguir andar, muito menos lutar.

— Para onde estão levando Cal?

Minha pergunta faz Kilorn estremecer.

— Que se dane. Não ligo.

— Pois deveria — rebato, apesar de a minha voz tremer de hesitação. *Não, ele não deveria. Nem você. Se o príncipe for embora, que seja.* — Ele pode nos ajudar a sair dessa. Pode lutar *com a gente.*

— Ele vai fugir ou nos matar assim que tiver a chance — Kilorn dispara, baixando o cachecol para mostrar sua careta de raiva.

Imagino o fogo de Cal queimando tudo no caminho, de metal a carne.

— Ele já poderia ter matado você — digo. Não é exagero, e Kilorn sabe disso.

— Por algum motivo pensei que vocês estariam maduros o suficiente para acabar com essa implicância — Shade diz, se colocando entre nós. — Que ingenuidade a minha.

Kilorn força um pedido de desculpas por entre os dentes, mas eu não. Meu foco está nos jatos, em deixar seus corações elétricos palpitem contra o meu. Eles enfraquecem a cada segundo, distanciando-se mais e mais.

— Eles estão voando para longe de nós — aviso. — Se é para

irmos, tem que ser agora.

Tanto meu irmão quanto Kilorn me lançam um olhar estranho, mas nenhum dos dois discute.

— Por aqui — Shade diz, apontando para as árvores. Uma trilha pequena, quase invisível, serpenteia por entre elas; a poeira foi varrida para revelar as pedras e o asfalto embaixo. De novo, Shade segura meu braço. Kilorn abre caminho rapidamente e o seguimos no mesmo ritmo.

Os galhos nos arranham, cada vez mais encurvados até ficar impossível correr lado a lado. Mas em vez de me soltar, Shade me segura mais forte. Então percebo que ele não está me apertando. É o ar, o *mundo*. Tudo junto ao mesmo tempo por um segundo sufocante e escuro. E, num piscar de olhos, estamos do outro lado das árvores, olhando para trás, vendo Kilorn emergir da mata cinzenta.

— Mas ele estava na frente... — solto em voz alta olhando de Shade para a trilha. Cruzamos para o meio da rua, com o céu e a fumaça pairando acima. — Você...

Shade abre um sorriso, o que parece inadequado diante do grito longínquo dos jatos.

— Digamos que... saltei. Se eu estiver te segurando, você pode vir junto — ele diz antes de nos apressar na direção do próximo beco.

Meu coração dispara ao perceber que acabei de ser *teletransportada*. Quase esqueço nossa situação complicada.

Os jatos logo refrescam minha memória. Outro míssil explode ao norte; um prédio vai ao chão e faz a terra tremer. O pó avança sobre o beco numa onda e nos tinge de mais uma camada de cinza. Estou tão acostumada com fumaça e fogo agora que mal sinto o cheiro, mesmo quando as cinzas começam a cair como neve. Deixamos nossas pegadas nelas. Talvez sejam nossas últimas marcas em vida.

Shade sabe para onde ir e como correr. Kilorn não tem dificuldade em nos acompanhar, apesar do peso do rifle. Retornamos à avenida. A leste, um feixe de luz do sol irrompe

por entre o pó e a sujeira, trazendo consigo uma lufada salgada do ar da costa. A oeste, o primeiro prédio que desmoronou é um gigante caído que bloqueia qualquer retirada para o trem. Vidro quebrado, esqueletos de ferro das construções e placas estranhas de um branco desbotado erguem-se à nossa volta — um palácio em ruínas.

O que era isto? Me pergunto vagamente. *Julian saberia.* Dói só de pensar no nome dele, e faço um esforço para afastar a sensação.

Um punhado de mascarados vermelhos atravessa o ar repleto de cinzas. Procuro uma silhueta familiar, mas nenhum sinal de Cal, o que me causa um medo terrível.

— Não vou embora sem ele.

Shade não se dá ao trabalho de perguntar de quem estou falando. Já sabe.

— O príncipe vai vir com a gente. Dou a minha palavra.

— Não confio na sua palavra. — Minha resposta corta fundo.

Shade é um soldado. Sua vida foi tudo menos fácil, e ele não é estranho à dor. Ainda assim, minha declaração o magoa profundamente. Vejo no seu rosto.

Peço desculpas mais tarde, digo a mim mesma.

Se o mais tarde chegar.

Outro míssil é disparado do alto e detona algumas ruas à frente. O trovão distante de uma explosão não encobre o ruído mais áspero e assustador que se ergue ao nosso redor.

O ritmo de mil pés marchando.

DOIS



O AR FICA MAIS DENSO SOB UM MANTO DE CINZAS, o que nos dá alguns segundos para encarar nosso destino iminente. As silhuetas de soldados descem as ruas desde o norte. Ainda não consigo enxergar suas armas, mas um exército prateado não precisa de armas para matar.

Outros membros da Guarda fogem diante de nós, correndo pela avenida desesperados. Talvez consigam escapar provisoriamente, mas para onde? Só há rio e mar à frente. Não há para onde ir, onde se esconder. O exército marcha devagar, em um ritmo estranho, aleatório. Aperto os olhos e me esforço para vê-lo através da poeira. E então me dou conta do que aconteceu, do que Maven fez. O choque da situação me faz faiscar, *literalmente*, forçando Shade e Kilorn a recuar.

— Mare! — Shade grita, meio surpreso, meio zangado.

Kilorn não diz nada, apenas me observa tremer.

Minha mão se fecha em volta de seu braço e ele não reage. As faíscas já passaram; ele sabe que não vou machucá-lo.

— Vejam — digo, apontando.

Sabíamos que os soldados viriam. Cal nos disse, nos alertou que Maven mandaria uma legião depois dos jatos. Mas nem mesmo Cal poderia ter antecipado isto. Apenas um coração doentio como o de Maven seria capaz de conceber um pesadelo destes.

As figuras na primeira fileira não usam o uniforme cinza dos soldados prateados tão bem treinados por Cal. Na verdade nem

são soldados. São criados de casacos vermelhos, xales vermelhos, túnicas vermelhas, calças vermelhas, sapatos vermelhos. Tanto vermelho que poderiam estar até sangrando. E ao redor de seus pés, tinindo contra o chão, correntes de ferro. O som arranha meu corpo, abafa os jatos e os mísseis e até as ordens duras vociferadas pelos oficiais prateados escondidos por trás da barreira vermelha. As correntes são a única coisa que escuto.

Kilorn fica agitado e solta um grunhido. Ele dá um passo à frente e ergue o rifle para atirar, mas a arma treme nas suas mãos. O exército ainda está do outro lado da avenida, longe demais para um tiro preciso mesmo sem um escudo humano. É mais do que impossível.

— Temos que continuar em frente — Shade murmura. Seus olhos ardem de ódio, mas ele sabe o que deve fazer, o que deve *ignorar* para sobreviver. — Kilorn, venha com a gente agora ou vamos deixar você aí.

As palavras do meu irmão me fazem acordar do transe de horror. Ao ver que Kilorn não se mexe, tomo seu braço e sussurro em seu ouvido na esperança de abafar o ruído das correntes.

— Kilorn — chamo com a voz que usava com minha mãe quando meus irmãos iam para a guerra, quando meu pai tinha uma crise respiratória, quando o mundo estava em pedaços. — Kilorn, não podemos fazer nada por eles.

— Não é verdade. — As palavras sibilam por entre os dentes dele. Ele lança um olhar para trás, para mim. — Você tem que fazer *alguma coisa*. Você pode salvar essas pessoas...

Para a minha eterna vergonha, balanço a cabeça.

— Não, não posso.

Continuamos correndo. E Kilorn nos segue.

Mais mísseis explodem, cada vez mais rápidos e mais próximos. Mal consigo ouvir alguma coisa além do zunido. Aço e vidro se agitam como capim ao vento, se retorcendo e quebrando até a chuva cortante de prata cair sobre nós. Correr é perigoso demais agora; Shade segura forte meu braço. Ele

também agarra Kilorn e nos faz saltar consigo enquanto o mundo desmorona. Sinto frio na barriga cada vez que a escuridão se fecha sobre nós, e a cidade em ruínas vai ficando cada vez mais próxima. Cinzas e pó de concreto atrapalham nossa visão e fica difícil respirar. Vidro se estilhaça numa tempestade reluzente, deixando pequenos cortes no meu rosto e nas minhas mãos, retalhando minhas roupas. Kilorn parece pior do que eu — suas roupas estão vermelhas de sangue fresco —, mas ele continua em frente, com cuidado para não se afastar. O aperto de Shade continua firme, mas ele começa a se cansar, a ficar mais pálido a cada salto. Não fico inerte; uso minhas faíscas para repelir as lascas afiadas de metal das quais nem meu irmão pode nos livrar com seus saltos. Mas não somos o bastante, nem para salvar a nós mesmos.

— Falta muito? — pergunto. Minha voz soa baixo, afogada pela maré da guerra. Não consigo enxergar mais do que uns metros à frente através da fumaça e do pó. Mas ainda posso *sentir*. E o que sinto são asas, motores, *eletricidade* gritando acima de nossas cabeças, mergulhando mais e mais perto de nós. Somos ratos à espera de que os falcões nos arranquem do chão.

Shade nos faz parar. Seus olhos cor de mel vão de um lado para o outro. Por um segundo aterrorizante receio que ele tenha se perdido.

— Esperem — ele diz, com ar de quem sabe algo que não sabemos.

Ele olha para o alto, para o esqueleto de uma estrutura que um dia foi grandiosa. É imensa, mais alta que a maior das torres do Palacete do Sol, maior que a Praça de César em Archeon. Um tremor percorre minha espinha quando percebo que a estrutura... *está se mexendo*. Para a frente e para trás, de um lado para o outro, oscilando e se contorcendo sobre fundações gastas por séculos de abandono. Diante dos nossos olhos, a construção começa a se inclinar; devagar no começo, como um idoso sentando numa cadeira. E então cada vez mais rápido, desabando sobre nós e à nossa volta.

— Não me soltem! — Shade berra em meio ao estrondo e nos segura mais forte. Ele passa o braço por cima do meu ombro e me esmaga contra si, com tanta força que quase não suporto. Fico à espera da já desagradável sensação de saltar, mas ela não vem. Em vez disso, sou saudada por um som mais familiar.

Disparos.

Desta vez, não é o poder, mas a carne de Shade que me salva. Uma bala endereçada a mim o acerta de raspão no braço enquanto outro disparo penetra sua perna. Ele urra angustiado, quase cai na terra rachada sob nós. Sinto a vibração do tiro através dele, mas não tenho tempo para dor. Mais balas cantam pelo ar, rápidas e numerosas demais para lutarmos. Só podemos correr, fugir tanto do prédio desmoronando como do exército prestes a chegar. Os perigos se anulam quando o metal retorcido cai entre nós e a legião. Pelo menos era o que deveria acontecer. A gravidade e o fogo fizeram a estrutura desabar, mas a força dos magnetrons evita que ela nos proteja. Olho para trás e consigo ver uns doze com cabelo prateado e armadura negra, deslocando cada pilar e vergalhão caídos. Não estou perto o bastante para enxergar seus rostos, mas conheço a Casa Samos bem o suficiente. Evangeline e Ptolemus lideram a família, limpando a rua para que a legião possa continuar a investida. Para poderem acabar o que começaram e matar todos nós.

Se ao menos Cal tivesse destruído Ptolemus na arena, se ao menos eu tivesse tratado Evangeline com o mesmo nível de bondade que ela me tratou... Talvez tivéssemos uma chance. Mas a nossa misericórdia tem um custo — nossas vidas, provavelmente.

Seguro meu irmão firme, apoiando-o o melhor que posso. Kilorn faz mais esforço, aguentando boa parte do peso de Shade e o arrastando até uma cratera aberta pelas explosões, ainda fumegante. Pulamos para dentro, aliviados em fugir das balas. Mas não é muito. Não por muito tempo.

Kilorn arfa, gotas de suor brotam na testa dele. Ele rasga uma das mangas da camiseta para estancar a ferida na perna de Shade.

A mancha de sangue logo empapa o tecido.

— Você consegue dar um salto?

Shade franze a testa, sentindo não a dor, mas a própria força. Sei bem como é. Devagar, ele balança a cabeça e seus olhos escurecem.

— Ainda não.

Kilorn murmura um palavrão.

— O que vamos fazer então?

Levo um instante para perceber que a pergunta é para mim, não para meu irmão mais velho, não para o soldado que sabe o que é uma batalha melhor do que eu e Kilorn. Mas na verdade a pergunta não é para mim. Não é para Mare Barrow de Palafitas, a ladra, a amiga. Kilorn procura outra pessoa agora, a pessoa que me tornei dentro do palácio, na arena.

Sua pergunta é para a garota elétrica.

— Mare, o que vamos fazer?

— Me deixar aqui, é isso o que vocês vão fazer! — Shade grunhe com os dentes cerrados, respondendo antes de mim. — Corram para o rio, encontrem Farley. Salto para lá assim que conseguir.

— Não minta para uma mentirosa — digo, me esforçando ao máximo para não tremer. Meu irmão acabou de voltar para mim, como um fantasma que volta da morte. Não posso deixar que ele suma de novo por nada no mundo. — Vamos sair daqui juntos. *Todos nós.*

A legião em marcha faz o chão tremer. Um breve olhar por cima da cratera me diz que os soldados estão a menos de cem metros e avançam rápido. Consigo ver os prateados entre as lacunas da linha vermelha. A infantaria veste o uniforme cinzento do exército, mas alguns usam armaduras nas cores da família. Guerreiros das Grandes Casas. Avisto pontos azuis, amarelos, negros, marrons e mais. Ninfoides e telecs e silfos e forçadores, os mais poderosos combatentes que os prateados poderiam lançar contra nós. Eles acham que Cal é o assassino do rei e que sou uma terrorista. E vão botar a cidade inteira abaixo

para nos destruir.

Cal.

Apenas o sangue do meu irmão e a respiração vacilante de Kilorn me impedem de pular para fora da cratera. Preciso encontrá-lo, *preciso*. Se não por mim, pela causa, para proteger a retirada. Ele vale cem bons soldados. É como um escudo dourado. Mas já deve ter desaparecido, escapado, deve ter derretido as correntes e fugido quando a cidade começou a ruir.

Não, ele não fugiria. Ele jamais fugiria deste exército, de Maven, de mim.

Espero não estar enganada.

Espero que ele já não esteja morto.

— Kilorn, levante Shade — ordeno. No Palacete do Sol, a falecida Lady Blonos me ensinou a falar como uma princesa, com a voz fria e rígida, sem dar margem a questionamentos.

Kilorn obedece, mas Shade não perdeu o hábito de contestar:

— Eu só vou atrasar vocês.

— Mais tarde você pede desculpas — replico enquanto o ajudo a ficar de pé. Mal presto atenção neles; meu foco está em outro lugar. — Vão na frente.

— Mare, se você acha que vamos deixar você...

Antes que Kilorn termine, me viro para ele com faíscas nas mãos e determinação no peito. As palavras morrem na boca dele. Ele lança um olhar para o exército, mais próximo a cada segundo. Telecs e magnetrons retiram os destroços da rua e liberam o caminho novamente com chiados ensurdecedores do metal riscando a pedra.

— *Corram.*

De novo, ele obedece, e Shade não consegue fazer nada além de acompanhá-lo com seus passos mancos. Fico para trás. Enquanto os dois lutam para sair da cratera e partem aos tropeços para o oeste, dou passos cautelosos para o leste. O exército vai parar por minha causa. Tem que parar.

Depois de um segundo de terror, os vermelhos diminuem o ritmo, o tinido das correntes se dissipa à medida que param de se

mover. Atrás deles, prateados carregam rifles negros sobre os ombros como se não pesassem nada. Cargueiros de guerra, grandes máquinas com esteiras nas rodas, varrem o solo até se deterem em algum lugar atrás do exército. Posso sentir o poder deles nas veias.

O exército está tão perto agora que consigo ouvir os oficiais berrando ordens:

— A garota elétrica!

— Mantenham a formação! Fiquem firmes!

— Mirem!

— Não disparem ainda!

A pior das ordens é a última, que ecoa pela rua repentinamente silenciosa. A voz de Ptolemus soa familiar, cheia de ódio e fúria.

— Abram caminho para o rei! — ele grita.

Dou um passo vacilante para trás. Eu esperava os exércitos de Maven, mas não Maven em pessoa. Ele não é um soldado como o irmão, e não tem motivo para se meter a liderar um exército. Mas aqui está ele, à espreita, avançando por entre as tropas que se abrem para dar passagem, com Ptolemus e Evangeline logo atrás. Quando ele dá um passo à frente da linha vermelha, meus joelhos quase cedem. Sua armadura é de um preto brilhante, sua capa é rubra. Algo o faz parecer mais alto agora do que hoje de manhã. E ele ainda ostenta a coroa flamejante do pai, embora o campo de batalha não seja lugar para isso. Suponho que quer mostrar ao mundo o que ganhou com suas mentiras, que prêmio maravilhoso ele roubou. Apesar da distância, posso sentir o calor do seu olhar penetrante e sua raiva fervente, me queimando de dentro para fora.

Não há nenhum ruído além dos jatos assobiando acima de nós; é o único som do mundo.

— Vejo que ainda é corajosa — Maven diz. Sua voz percorre a avenida e ecoa por entre as ruínas, provocadora. — E tola.

Como na arena, não vou lhe dar a satisfação da minha raiva e do meu medo.

— Deveriam chamar você de menininha quieta — ele ri friamente, e seu exército faz o mesmo. Os vermelhos permanecem em silêncio, com os olhos fixos no chão. Não querem ver o que está prestes a acontecer. — Muito bem, quietinha, diga aos ratos dos seus amigos que acabou. Estão cercados. Chame-os e lhes darei uma boa morte de presente.

Mesmo que eu pudesse dar uma ordem assim, jamais o faria.

— Eles já foram embora.

Não minta para um mentiroso... e Maven é o maior mentiroso de todos.

Ainda assim, ele parece hesitante. A Guarda Escarlate já escapou tantas vezes: na Praça de César, em Archeon... Talvez até consigam escapar agora. Que vergonha seria. Que começo desastroso para o reinado dele.

— E o traidor? — A voz de Maven sai mais aguda, e Evangeline se aproxima dele. O cabelo prateado dela reluz como a lâmina de uma navalha, mais brilhante que sua armadura dourada. Mas ele se afasta dela, deixando-a de lado como um gato faz com um brinquedo. — E meu maldito irmão, o príncipe caído?

Ele não escuta a minha resposta, porque não tenho uma.

Maven ri de novo, e dessa vez seu riso é como uma facada no meu coração.

— Ele também abandonou você? Ele fugiu? O covarde mata nosso pai e tenta roubar meu trono para depois fugir de fininho e se esconder? — continua, enojado, atuando na frente de seus nobres e de seus soldados. Para eles, ainda precisa parecer o filho trágico, um rei que jamais quis a coroa, que não quer nada além de justiça para os mortos.

Ergo a cabeça em desafio.

— Você acha que Cal faria uma coisa dessas?

Maven está longe de ser bobo. É perverso, mas não estúpido, e conhece o irmão melhor do que qualquer outra pessoa viva. Cal não é covarde nem jamais será. Maven pode mentir para seus súditos, mas jamais mudará isso. Os olhos do novo rei traem seu

coração e ele observa ao redor, examinando becos e travessas que cortam a avenida destruída pela guerra. Cal poderia estar escondido em qualquer lugar, esperando para atacar. Eu mesma poderia ser a armadilha, a isca para atrair a víbora que uma vez chamei de noivo e amigo. O movimento da cabeça faz a coroa escorregar; é grande demais para a cabeça dele. Até o pedaço de metal sabe que não pertence a ele.

— Acho que você está sozinha, Mare — ele diz em tom suave. Apesar de tudo o que fez para mim, ouvir meu nome na boca de Maven me faz arrepiar com a lembrança dos dias passados. Antes, ele o pronunciava com delicadeza e afeto. Agora, como uma maldição. — Seus amigos foram embora. Você perdeu. E você é uma abominação, a única da sua espécie maldita. Será um gesto de misericórdia tirá-la deste mundo.

Mais mentiras, ambos sabemos. Imito sua risada fria. Por um segundo, parecemos amigos de novo. Nada mais longe da verdade.

Um jato circula sobre nós; suas asas quase arranham o topo de uma ruína próxima. Tão perto. *Perto demais*. Posso sentir seu coração elétrico, seus motores em rotação fazendo-o permanecer no ar. Me esforço para alcançá-lo, como tantas vezes antes. Do mesmo jeito que fiz com as luzes, com as câmeras, com cada fio e circuito desde que me tornei a garota elétrica, assumo o controle do jato... e o desativo.

O jato se inclina e plana por uns instantes nas asas pesadas. A trajetória original previa sobrevoar a avenida, bem acima da legião, para proteger o rei. Agora, a máquina de guerra vai mergulhar de cabeça neles, ultrapassando a linha de vermelhos para colidir com centenas de prateados. Os magnetrons da Casa Samos e os telecs da Casa Provos não são rápidos o bastante para deter o jato, que cai rachando o solo, mandando asfalto e corpos pelos ares. A explosão é ensurdecadora, desorientadora e dolorosa. *Sem tempo para dor*, é a frase que se repete na minha cabeça. Não fico para assistir ao caos no exército de Maven. Já estou correndo, levando meu poder elétrico comigo.

Faíscas brancas e arroxeadas servem de escudo para minhas costas e me protegem dos lépidos que tentam me alcançar na corrida. Alguns se chocam contra a eletricidade ao tentar romper o escudo. Caem para trás em pilhas de carne queimada e ossos latejantes. Fico feliz por não conseguir ver seus rostos; do contrário, poderia ter pesadelos com eles. Depois vêm as balas, mas meu zigue-zague me torna um alvo difícil. Os poucos tiros que passam perto fritam no meu escudo, como era para ter acontecido com meu corpo quando caí naquela redoma elétrica na Prova Real. Aquele momento parece tão distante agora. No alto, os jatos voltam a gritar, desta vez com cuidado, mantendo distância. Já seus mísseis não são tão educados.

As ruínas de Naercey resistiram por milhares de anos, mas não sobreviverão ao dia de hoje. Prédios e ruas vêm abaixo, destruídos tanto pelos poderes dos prateados como pelos mísseis. Um ataque com tudo e todos. Os magnetrons retorcem e arreventam vergalhões de aço, enquanto telecs e forçadores arremessam destroços pelo ar cheio de cinzas. Água brota dos esgotos: são os ninfoides tentando inundar a cidade e expulsar os últimos rebeldes dos esconderijos nos túneis subterrâneos. O vento uiva forte como um furacão graças aos dobra-ventos. Água e lascas de concreto ardem meus olhos em rajadas tão afiadas que quase me cegam. As explosões dos oblívios fazem o solo tremer sob meus pés. Tropeço, confusa. Não costumava cair. Mas desta vez arranho o rosto no asfalto e deixo sangue no chão ao erguer a cabeça. Quando consigo levantar, um banshee prateado solta um grito capaz de arreventar vidraças e me derruba outra vez. Sou forçada a tapar os ouvidos. Mais sangue, gotas grossas escorrendo rapidamente pelos meus dedos. Mas o banshee que me nocauteou acaba me salvando por acidente. Assim que caio, outro míssil passa voando sobre mim, tão perto que sinto o ar vibrar.

Ele explode perto demais; seu calor pulsa pelo escudo de raios que criei às pressas. Me pergunto se vou morrer sem sobancelhas. Mas o calor, em vez de me consumir, permanece

constante e desconfortável, mas não insuportável. Mãos fortes e ásperas me põem de pé, e cabelos loiros brilham à luz do fogo. Só enxergo o suficiente para distinguir o rosto através da ventania cortante. *Farley*. Sem arma, com as roupas rasgadas e os músculos trêmulos. Mas ela não me solta.

Atrás dela, uma figura alta e familiar forma uma silhueta escura contra a explosão. Ele a detém com apenas uma mão. Suas algemas sumiram, derretidas ou jogadas fora. Quando se vira, as chamas aumentam, lambem o céu e a rua destruída, mas nunca nos atinge. Cal sabe exatamente o que faz ao conduzir as labaredas à nossa volta, como um rio contornando uma rocha. Como na arena, ele cria uma muralha ardente de um lado ao outro da avenida, e nos protege do irmão e dos soldados à frente. Mas suas chamas estão fortes agora, alimentadas por oxigênio e ódio. Jorram para cima, tão quentes que a base queima num tom azul fantasmagórico.

Mais mísseis caem, mas, de novo, Cal os contém e os usa para alimentar seu poder. É quase belo assistir seus longos braços se arquearem e girarem, transformando estrago em proteção em um ritmo constante.

Farley tenta me puxar para trás e consegue ser mais forte do que eu. Com as chamas nos defendendo, viro de costas e avisto o rio uns cem metros à frente. Consigo até ver as sombras desajeitadas de Kilorn e do meu irmão, mancando rumo à suposta segurança.

— Vamos, Mare! — Farley ruge, praticamente arrastando meu corpo ferido e enfraquecido.

Por um segundo, me deixo levar. Dói demais pensar com clareza. Mas um rápido olhar para trás me faz compreender o que ela está fazendo, o que ela está tentando fazer com que *eu* faça.

— Não vou embora sem ele! — grito pela segunda vez hoje.

— Acho que ele está indo muito bem sozinho — ela diz. Seus olhos azuis refletem o fogo.

Já pensei como ela. Pensava que os prateados eram

invencíveis, deuses sobre a Terra, poderosos demais para serem destruídos. Mas matei três só hoje de manhã: Arven, o forçador Rhambos e Lord Osanos, o ninfoide. Talvez até mais, com a tempestade elétrica. E eles quase me mataram, e, aliás, quase mataram Cal também. Tivemos que salvar um ao outro na arena. E precisamos fazer o mesmo agora.

Farley é maior do que eu, mais alta e mais forte, só que sou mais ágil. Mesmo machucada e meio surda. Faço um movimento rápido com o tornozelo, uma rasteira no tempo certo, e Farley perde o equilíbrio e me solta. Imediatamente, viro para a frente com as mãos espalmadas, captando o que preciso. Naercey tem muito menos eletricidade que Archeon ou mesmo Palafitas, mas não preciso sugar a energia de nada agora. Posso criar a minha.

A primeira rajada de água ninfoide atinge as chamas com a força de um maremoto. A maior parte evapora de imediato, mas o resto cai sobre a muralha e extingue as grandes línguas de fogo. Respondo à água com minha própria eletricidade, mirando nas ondas que giram e quebram no ar. Atrás, as legiões prateadas marcham adiante, investindo contra nós. Pelo menos os vermelhos acorrentados foram tirados do caminho e relegados ao final das fileiras. Obra de Maven. Ele não vai deixar que o atrasem.

Os soldados dele encontram meus raios em vez do campo aberto, e, atrás dele, o fogo de Cal renasce das cinzas.

— Recue devagar — Cal diz, gesticulando com a mão aberta.

Imito os passos dele com cuidado para não desviar os olhos do destino iminente. Juntos, nos alternamos para a frente e para trás, protegendo a própria retirada. Quando as chamas dele caem, meus raios se erguem, e vice-versa. Juntos, temos uma chance.

Cal murmura ordens breves: quando andar, quando erguer uma muralha, quando desfazê-la. Ele parece mais exausto do que jamais o vi: veias azuis e pretas marcadas sob a pele lívida, círculos cinza delineando os olhos. Sei que a minha aparência deve estar ainda pior. Mas o ritmo dele evita que gastemos tudo e permite que um pouquinho das nossas forças volte bem

quando precisamos.

— Só mais um pouco — a voz de Farley avisa, ecoando atrás de nós. Mas ela não está fugindo. Vai ficar conosco, apesar de ser apenas humana. *Ela é mais corajosa do que eu pensava.*

— Até onde? — grito por entre os dentes enquanto armo outra rede de eletricidade.

Apesar das ordens de Cal, começo a ficar mais lenta, e alguns escombros atravessam meu escudo. Caem uns metros à frente e se desfazem em pó. Estamos ficando sem tempo.

Mas Maven também está.

Posso sentir o cheiro do rio e do oceano além dele. Intenso e salgado, ele nos convida, mas não faço ideia para quê. Só sei que Farley e Shade acreditam que ele nos salvará das garras de Maven. Quando olho para trás, vejo apenas a avenida terminando na beira do rio. Farley se levanta, à espera, os cabelos curtos se agitando contra o vento quente. *Pulem*, ela diz sem soltar ruídos antes de mergulhar da beirada da rua destruída.

O que deu nela para pular para o abismo?

— Ela quer que a gente pule — digo a Cal, virando bem a tempo de substituir a barreira dele pela minha.

Ele concorda com um grunhido; está concentrado demais para falar. Como meus raios, as chamas dele estão fracas. Quase conseguimos enxergar os soldados através delas agora. O fogo tremeluzente distorce os traços, transformando olhos em carvões em chamas, bocas em presas sorridentes e homens em demônios.

Um deles caminha até a muralha de fogo e chega perto o suficiente para se queimar. Mas ele não queima. Em vez disso, abre as labaredas como se fossem cortinas.

Apenas uma pessoa é capaz disso.

Maven sacode a capa idiota para tirar as brasas; a seda queima enquanto a armadura aguenta firme. Ele tem a cara de pau de sorrir.

E, de alguma maneira, Cal encontra forças para dar as costas. Em vez de fazer Maven em pedaços com as próprias mãos, agarra meu punho com os dedos quentes. Corremos juntos, sem nos

dar o trabalho de defender nossas costas. Maven não é páreo para nenhum de nós, e sabe disso. Apesar da coroa e do sangue em suas mãos, ainda é jovem demais.

— Corra, assassino! Corra, garota elétrica! Corram rápido e para longe! — O riso dele ecoa pelas ruínas como uma assombração. — Não há lugar em que eu não possa encontrar vocês!

Tenho uma vaga consciência de que meus raios estão falhando, extinguindo-se à medida que me afasto. As chamas de Cal começam a se desfazer, expondo-nos ao resto da legião. Mas já estamos saltando para o rio, três metros abaixo dos prateados.

Caímos, não com um *splash*, mas com um barulho metálico retumbante. Preciso rolar para não arrebentar os tornozelos, mas mesmo assim sinto uma dor oca e latejante subir pelos ossos. *O que é isto?* Farley nos espera mergulhada até o joelho no rio gélido, ao lado de um cilindro metálico com a tampa aberta. Sem falar, pula para dentro e desaparece em seja lá o que for que está sob nós. Não temos tempo para discutir ou fazer perguntas e a seguimos cegamente.

Pelo menos Cal tem o bom senso de fechar a tampa atrás de nós, o que bloqueia o rio e a guerra lá em cima. O silvo pneumático indica que estamos hermeticamente fechados. Mas isso não vai nos proteger por muito tempo, não contra a legião.

— Mais túneis? — pergunto sem fôlego, virando a cabeça para Farley. Minha visão fica turva com toda a correria e preciso me apoiar na parede. Minhas pernas tremem.

Como na rua, Farley põe um braço sob meu ombro e carrega meu peso.

— Não. Isto não é um túnel — ela diz, com um sorriso enigmático.

E então eu sinto. Uma espécie de bateria vibrando em algum lugar, só que maior. Mais forte. Pulsa à nossa volta, através do corredor estranho inundado de botões piscantes e luzes baixas e amarelas. Vejo vultos de cachecóis vermelhos se movendo pela passagem, rebeldes escondendo o rosto. Parecem névoas, como

sombras rubras. Com um gemido, todo o corredor estremece e *afunda*, com o bico para baixo. *Na água.*

— Um barco. Um barco subaquático — Cal diz. A voz dele está distante, trêmula e fraca, assim como me sinto.

Nenhum de nós consegue dar mais do que alguns passos antes de desabar contra as paredes inclinadas.

TRÊS



NOS ÚLTIMOS DIAS, acordei numa cela de prisão e depois num trem. Agora num barco subaquático. *Onde vou acordar amanhã?*

Estou começando a pensar que tudo isso foi um sonho, ou uma alucinação, ou alguma coisa pior. Mas dá para sentir cansaço num sonho? Porque com certeza estou cansada. Minha exaustão penetra cada osso, músculo e nervo. Meu coração é como uma ferida, ainda sangrando pela traição e pelo fracasso. Quando abro os olhos e encontro paredes cinza sufocantes, tudo o que quero esquecer ressurge em minha mente. É como se a rainha Elara estivesse dentro da minha cabeça de novo, me obrigando a reviver minhas piores lembranças. Por mais que eu tente, não consigo detê-las.

Minhas criadas silenciosas foram executadas, e não eram culpadas de nada além de pintar minha pele. Tristan foi golpeado como um porco. Walsh. Ela tinha a idade do meu irmão, vinha de Palafitas, minha amiga... *uma de nós*. E morreu cruelmente, pelas próprias mãos, para proteger a Guarda, nosso ideal, e a mim. Ainda mais gente morreu nos túneis da Praça de César, rebeldes assassinados pelos soldados de Cal, aniquilados pelo nosso plano imbecil. A lembrança do sangue vermelho queima, mas pensar no sangue prateado tem o mesmo efeito. Lucas, um amigo, um protetor, um prateado de bom coração, executado pelo que Julian e eu o forçamos a fazer. Lady Blonos, decapitada por me ensinar a sentar do jeito certo. Coronel Macanthos, Reynald Iral e Belicos Lerolan: sacrificados pela causa. Sinto

nojo ao me lembrar dos gêmeos Lerolan, com quatro anos, mortos na explosão que se seguiu ao tiroteio. Maven me disse que foi um acidente — uma tubulação de gás perfurada —, mas agora sei a verdade. A maldade dele é intensa demais para que aquilo tenha sido uma coincidência. Sem dúvida ele não se importaria em jogar uns corpos a mais nas chamas se pudesse convencer o mundo de que a Guarda era formada por monstros. Ele também vai matar Julian e Sara. Já devem estar mortos até. Não consigo pensar em todos eles. É doloroso demais. Agora meus pensamentos se voltam para Maven, para seus olhos frios e azuis e para o momento em que descobri que seu sorriso charmoso escondia uma fera.

O estrado sob mim é duro, os cobertores são finos, e não há nenhum sinal de travesseiro, mas parte de mim quer deitar de novo. A enxaqueca retorna, latejando com o pulso elétrico desse barco milagroso. Trata-se de um lembrete constante: não há paz para mim aqui. Ainda não, não enquanto houver tanto a ser feito. *A lista. Os nomes. Preciso encontrá-los. Preciso protegê-los de Maven e da mãe dele.* Um calor se espalha pelo meu rosto e minha pele enrubesce com a lembrança do livrinho de segredos que Julian se esforçou tanto para escrever. Um registro daqueles que são como eu, que têm a estranha mutação que nos dá sangue vermelho e poderes prateados. Aquela lista é o legado de Julian. E o meu.

Jogo as pernas para o lado para sair do leito, quase batendo a cabeça na cama de cima, e me deparo com roupas perfeitamente dobradas no chão. Calças pretas compridas demais, uma camisa vermelho-escura com os cotovelos puídos e botas sem cadarços. Nada parecido com as roupas finas que encontrei na cela prateada, mas dão uma sensação boa ao tocar minha pele.

Nem termino de passar a camisa pela cabeça quando a porta com grandes dobradiças de ferro do meu compartimento se escancara. Kilorn espera ansioso do outro lado, com um sorriso forçado e desanimado. Ele não deveria corar, já que me viu em várias etapas de troca de roupa ao longo de muitos verões, mas as

bochechas dele ficam vermelhas mesmo assim.

— Não é normal você dormir tanto assim — ele diz, e percebo a preocupação em sua voz.

Dou de ombros e levanto sobre as pernas fracas.

— Acho que estava precisando.

Um zumbido estranho toma conta dos meus ouvidos. Agudo, mas não doloroso. Sacudo a cabeça como um cachorro molhado, tentando me livrar do ruído.

— Deve ser o grito do banshee — ele diz, indo até mim para segurar minha cabeça com as mãos cuidadosas cheias de calos. Me submeto ao exame dele, suspirando impaciente. Ele me vira para o lado e dá uma olhada nas orelhas que há pouco gotejavam sangue. — Você foi sortuda de não ter te acertado em cheio.

— Sou muitas coisas, mas acho que sortuda não é uma delas.

— Você está viva, Mare — ele diz, seco, se afastando. — É mais do que muitos podem dizer.

O olhar severo dele me faz voltar a Naercey, quando falei ao meu irmão que não confiava na palavra dele. No fundo, sei que ainda não confio.

— Desculpa — murmuro rápido.

Claro que sei que outros morreram, pela causa e por mim. Mas eu também morri. A Mare de Palafitas morreu no dia em que caiu no escudo elétrico. Mareena, a princesa prateada desaparecida, morreu no Ossário. E não sei quem é a pessoa que abriu os olhos no subtrem. Só sei o que ela foi e o que perdeu, e o peso disso é quase esmagador.

— Você vai me dizer para onde estamos indo ou é mais um segredo? — Tento evitar que minha voz saia amarga, mas falho miseravelmente.

Kilorn é educado o suficiente para ignorar meu tom, apenas se apoia na porta e responde:

— Deixamos Naercey faz cinco horas e estamos seguindo para o nordeste. Isso é tudo que sei, de verdade.

— E você não se incomoda nem um pouco com isso?

Ele apenas dá de ombros.

— O que faz você pensar que o alto escalão confia em mim? Ou em você, aliás? Você sabe melhor que ninguém como fomos tolos e o preço alto que pagamos por isso. — De novo, sinto a dor das lembranças. — Você mesma disse que não consegue nem confiar em Shade. Duvido que alguém comece a revelar segredos tão cedo.

O golpe não dói tanto quanto eu esperava.

— Como ele está?

Kilorn aponta para o corredor com a cabeça.

— Farley montou um posto médico bem decente para os feridos. Ele está melhor que os outros. Xingando muito, mas com certeza melhor. — Uma pausa. Seus olhos verdes se escurecem um pouco e ele desvia o olhar. — A perna dele...

Respiro fundo, assustada.

— Infeccionou?

Lá em Palafitas, uma infecção equivalia a um membro amputado. Não tínhamos muitos remédios. Quando o sangue de alguém ficava ruim, a única coisa a fazer era continuar fatiando a pessoa, na esperança de arrancar a febre e as veias enegrecidas.

Para o meu alívio, Kilorn balança a cabeça.

— Não, Farley deu uma boa dose de remédios para ele, e os prateados usam balas limpas. Até que é um grande gesto da parte deles.

Ele dá uma risada sombria e fica à espera de que eu ria junto. Em vez disso, estremeço. O ar é muito frio aqui em baixo.

— Mas ele com certeza vai mancar por um tempo — Kilorn completa.

— Você vai me levar até ele ou vou ter que encontrar o caminho sozinha?

Depois de outra risada sombria, ele estende o braço. Para minha surpresa, descubro que preciso me apoiar nele para andar. Naercey e o Ossário com certeza cobraram seu preço.

Mersivo. É assim que Kilorn chama o estranho barco

subaquático. Como esse barco consegue navegar *embaixo* do oceano está muito além da nossa compreensão, embora eu tenha certeza de que Cal saberá dizer. Ele é o próximo da minha lista. Vou atrás dele depois de confirmar que meu irmão ainda está respirando. Lembro que Cal mal estava consciente quando escapamos, assim como eu. Mas não acho que Farley iria deixá-lo no posto médico, não com rebeldes feridos por toda parte. Há ressentimento demais, e ninguém quer um inferno dentro de um tubo de metal selado.

O grito do banshee ainda ressoa nos meus ouvidos, como um gemido abafado que tento ignorar. A cada passo encontro novas dores e machucados. Kilorn percebe cada estremecimento meu, diminui o ritmo e permite que eu solte o peso no seu braço. Ele ignora as próprias feridas, os cortes profundos escondidos sob gazes novas. Ele sempre teve mãos judiadas, arranhadas e cortadas por anzóis e cordas, mas eram feridas familiares. Significavam que ele estava seguro, empregado, livre do recrutamento. Se não fosse pela morte do mestre pescador, as pequenas cicatrizes seriam seu único fardo.

Antes, esse pensamento me deixaria triste. Agora, só sinto raiva.

O corredor principal do mersivo é longo mas estreito, dividido por várias portas de metal com dobradiças grossas e válvulas pressurizadas — para isolar o que for necessário e evitar que toda a embarcação inunde e afunde. Mas as portas não me oferecem qualquer conforto. Não consigo parar de pensar em morrer no fundo do oceano, lacrada num caixão encharcado. Até Kilorn, um garoto criado na água, parece desconfortável. As luzes fracas presas ao teto incidem de um jeito estranho, recortando sombras em seu rosto que o fazem parecer velho e cansado.

Os outros rebeldes não estão tão afetados. Vão de um lado para o outro, decididos. Os cachecóis vermelhos abaixados deixam ver rostos com uma determinação séria. Carregam mapas, bandejas com suplementos médicos, gazes, comida e até

mesmo rifles esporádicos, sempre apressados, tagarelando entre si. Mas eles param ao me ver, colando as costas na parede para deixar o maior espaço possível para mim no corredor estreito. Os mais corajosos me encaram nos olhos e me assistem passar mancando, mas a maioria olha para os próprios pés.

Alguns até parecem com medo.

De mim.

Quero agradecer, expressar de alguma maneira minha dívida profunda com cada homem e mulher a bordo deste estranho navio. Um “Obrigada pelos seus serviços” quase escorrega para fora da minha boca, mas forço a mandíbula para segurar. *Obrigada pelos seus serviços.* É o que estampam nos avisos, nas cartas enviadas aos vermelhos para contar que seus filhos morreram em uma guerra inútil. Quantos pais não vi chorar diante dessas palavras? Quantos mais não as receberão, quando as Medidas enviarem crianças ainda mais novas para as trincheiras?

Mais nenhum, digo a mim mesma. Farley vai pensar num plano, e vamos descobrir uma maneira de encontrar os sanguenovos, os outros como eu. Vamos fazer alguma coisa. Temos que fazer alguma coisa.

Os rebeldes murmuram entre si enquanto passo. Mesmo os incapazes de me encarar trocam sussurros sem a preocupação de disfarçar as palavras. Imagino que pensem que o que dizem são elogios.

— A garota elétrica — ecoa entre eles, ricocheteando pelas paredes de metal. As palavras me cercam como os murmúrios malditos de Elara, infestando meu cérebro. *Menininha elétrica. Era assim que ela me chamava, que eles me chamam.*

Não, não é.

Apesar da dor, endireito a coluna para ficar o mais alta possível.

Não sou mais uma menininha.

Os sussurros nos perseguem ao longo de todo o caminho até o posto médico, onde uma dupla de rebeldes guarda a porta. Eles também estão vigiando a escada, uma estrutura pesada de metal que vai até o teto. A única saída e a única entrada dessa

embarcação lerda. Um dos guardas tem cabelo vermelho-escuro igual a Tristan, apesar de estar longe de ser alto como ele. O outro parece uma montanha, com pele morena, olhos penetrantes, peito largo e mãos enormes como as de um forçador. Ambos inclinam a cabeça ao me ver, mas, para meu alívio, não me dedicam muito mais do que um olhar. Em vez disso, voltam suas atenções para Kilorn, sorrindo para ele com a malandragem de amigos de escola.

— De volta tão cedo, Warren? — o ruivo caçoa, agitando as sobancelhas de maneira sugestiva. — O turno da Lena já acabou.

Lena? Meu braço sente a tensão repentina de Kilorn, embora ele não fale nada que denuncie vergonha. Em vez disso, ele ri com a mesma malandragem. Mas eu o conheço melhor do que todos, o bastante para enxergar o esforço por trás daquele sorriso. Só de pensar que ele passou o tempo *paquerando* enquanto eu estava inconsciente e Shade estava ferido e sangrando na cama...

— O rapaz já está ocupado demais sem correr atrás de enfermeiras bonitinhas — o grandão diz. Sua voz grave ecoa pelo corredor, provavelmente percorrendo todo o caminho até o dormitório de Lena. — Farley ainda está fazendo a ronda, se é ela que você procura — acrescenta, pressionando o polegar contra a porta.

— E o meu irmão? — pergunto afinal, dispensando o apoio de Kilorn. Meus joelhos quase cedem, mas fico firme. — Shade Barrow?

Os sorrisos se desfazem e o rosto deles enrijece numa expressão mais formal. É quase como voltar ao tribunal prateado. O grandão agarra a porta e logo gira a enorme tranca circular para não ter que olhar para mim.

— Ele está se recuperando bem, senhorita, erm, lady — ele diz.

O título me dá um nó no estômago. Achava que eu já tinha superado essas coisas.

— Por favor, me chame de Mare.

— Claro — ele responde sem qualquer sinal de determinação.

Apesar de ambos sermos da Guarda Escarlata, soldados unidos por uma causa, não somos iguais. Esse homem — assim como muitos outros — jamais me chamará pelo primeiro nome, não importa o quanto eu queira.

Após acenar de leve com a cabeça, ele abre a porta, revelando um compartimento largo, mas baixo, repleto de beliches. Ali costumava ser um dormitório, mas agora as camas estão cheias de pacientes, e o único corredor se agita com homens e mulheres de jaleco branco. Muitos vestem roupas manchadas de sangue vermelho, concentrados demais em colocar uma perna no lugar ou ministrar medicamentos para me notar mancando por ali.

A mão de Kilorn paira ao lado da minha cintura, pronta para me segurar caso eu volte a precisar dele, mas desta vez me apoio nos beliches. Já que todos vão me encarar, pelo menos posso tentar andar sozinha.

Shade está reclinado num único e fino travesseiro, basicamente apoiado contra a parede curva de metal. É impossível que esteja confortável, mas seus olhos estão fechados e seu peito sobe e desce no ritmo tranquilo do sono. A julgar pela perna suspensa no estrado da cama de cima por uma tipoia improvisada e pelo ombro enfaixado, com certeza já o medicaram algumas vezes. Vê-lo tão abatido é um choque difícil de suportar — apesar de ainda ontem eu ter pensado que ele estava morto.

— Melhor deixá-lo dormir — murmuro para ninguém sem esperar resposta.

— Sim, por favor, me deixem — Shade diz sem abrir os olhos, mas seu lábio forma um sorriso familiar e travesso. Apesar do seu estado desanimador e de suas feridas, não consigo conter o riso.

O truque é familiar: Shade costumava fingir que estava dormindo na escola ou quando nossos pais conversavam baixinho. Dou risada ao lembrar quantos segredinhos ele não captou desse jeito. Posso ter nascido ladra, mas Shade nasceu

espião. Não é surpresa que tenha ido parar na Guarda Escarlate.

— Escutando a conversa das enfermeiras? — Meu joelho estala quando sento na beira do colchão, com cuidado para não fazer meu irmão balançar. — Já descobriu quantos metros de gaze elas afanaram? — pergunto depois de uma pausa.

Mas, em vez de rir da piada, Shade abre os olhos. Ele gesticula para que Kilorn e eu nos aproximemos.

— As enfermeiras sabem mais do que vocês pensam — ele diz, observando o outro extremo do compartimento.

Ao me virar, encontro Farley trabalhando num dos leitos ocupados. A paciente está apagada, provavelmente sedada. Farley monitora seu pulso de perto. A luz dá destaque à sua cicatriz, que lhe retorce um dos cantos da boca numa careta antes de descer cortante pela lateral do pescoço até o começo do peito. Parte dela se abriu e recebeu pontos apressados. Agora, o vermelho só está presente na mancha de sangue em seu jaleco branco de enfermeira e nos borrões mal lavados que sobem até os cotovelos. Um enfermeiro está ao lado dela, mas o jaleco dele está limpo, e ele cochicha depressa em sua orelha. Farley assente de tempos em tempos, embora seu rosto se contraia numa expressão de ódio.

— O que você ouviu? — Kilorn pergunta, posicionando-se de tal maneira que seu corpo cobre o de Shade por completo. Qualquer um que o vir vai pensar que ele está ajustando os curativos do companheiro.

— Estamos seguindo para outra base, distante da costa desta vez. Fora do território de Norta.

Me esforço para lembrar do velho mapa de Julian, mas não consigo pensar em muito mais do que o litoral.

— Uma ilha? — pergunto.

— Chama-se Tuck — Shade confirma. — Não deve ser grande coisa, porque os prateados sequer têm um entreposto lá. Praticamente a esqueceram.

Começo a me lamentar por dentro. A perspectiva de me isolar numa ilha sem possibilidade de fugir me assusta ainda mais do

que o mersivo.

— Mas eles sabem que existe. É o que basta — comento.

— Farley parecia confiante a respeito da base lá.

— Pelo que me lembro, ela também achava Naercey segura — Kilorn desdenha.

— Não foi por culpa dela que perdemos Naercey — digo. *Foi minha.*

— Maven enganou todo mundo, Mare — Kilorn rebate, tocando meu ombro de leve. — Ele enganou a mim, a você e a Farley. Todos nós acreditamos nele.

Com a mãe para orientá-lo, ler nossas mentes e moldar Maven segundo as nossas esperanças, não surpreende termos sido enganados. E agora ele é o rei. Agora ele vai enganar — e controlar — todo o nosso mundo. *Que mundo teremos, com um monstro no trono e sua mãe segurando a coleira?*

Mas abro espaço por entre esses pensamentos. Eles podem esperar.

— Farley falou mais alguma coisa? E a lista? Ainda está com ela, não está?

Shade lança um olhar por cima do meu ombro e toma cuidado para manter a voz baixa.

— Sim, mas ela está mais preocupada com os *outros* que vamos encontrar em Tuck, inclusive nossos pais.

Uma onda de calor se espalha pelo meu corpo, um impulso revigorante de felicidade. O rosto de Shade se ilumina diante do meu discreto, mas autêntico, sorriso.

— Gisa também — ele complementa, segurando minha mão. — E os animais que chamamos de irmãos.

Um nó de tensão se desfaz no meu peito, mas logo é substituído por outro. Aperto a mão dele e arqueio uma sobrancelha, confusa.

— *Outros?* Quem? Como pode ser?

Depois do massacre debaixo da Praça de César e da retirada de Naercey, pensei que não havia mais ninguém.

Mas Kilorn e Shade não compartilham da minha dúvida; em

vez disso, preferem trocar olhares furtivos. Estou por fora mais uma vez, e não gosto nem um pouco disso. Mas agora, são meu irmão e meu melhor amigo que guardam segredos, não uma rainha má e um príncipe calculista.

Por algum motivo, isso dói mais. De cara fechada, encaro ambos até que percebam que estou à espera de respostas.

Kilorn cerra os dentes e tem o bom senso de parecer arrependido. Ele aponta para Shade. *Passando a responsabilidade.*

— Você sabe mais do que eu.

— A Guarda gosta de agir na surdina, o que é muito bom — Shade começa, se ajustando no leito e ficando um pouco mais ereto. Ele geme com o movimento e leva a mão ao ombro ferido, mas dispensa a minha ajuda antes mesmo de eu oferecê-la. — Queremos parecer pequenos, acabados, desorganizados...

Não posso deixar de torcer o nariz e observar bem os curativos dele.

— Bom, estão fazendo um excelente trabalho.

— Não seja cruel, Mare — Shade dispara, com um tom bem parecido com o da nossa mãe. — Estou tentando dizer que as coisas não estão tão ruins quanto parecem. Naercey não era nossa única fortaleza, e Farley não é a única líder. Na verdade, ela sequer faz parte do verdadeiro Comando. É apenas uma capitã. Há outros como ela... e muitos acima dela.

A julgar pela maneira como ela dá ordens aos soldados, eu pensava que Farley era uma imperatriz. Arrisco outro olhar para ela e a encontro refazendo um curativo ao mesmo tempo que repreende a enfermeira que tratou da ferida antes. Mas a convicção do meu irmão não pode ser ignorada. Ele conhece a Guarda Escarlata muito melhor do que eu, e tento acreditar que o que diz sobre ela é verdade. Há mais coisas nessa organização do que vejo aqui. É animador — e assustador.

— Os prateados pensam que estão dois passos à nossa frente, mas nem sabem onde estamos — Shade continua com a voz cheia de fervor. — Parecemos fracos porque queremos.

Volto a encará-lo no mesmo instante.

— Parecem fracos porque *são* fracos. Maven os enganou, encurralou, dizimou e os expulsou da própria casa. Ou você vai tentar me convencer de que tudo era parte de mais um plano?

— Mare... — Kilorn balbucia, encostando o ombro no meu num gesto de consolo. Mas eu o afasto. Ele também precisa ouvir isso.

— Não me importa quantos túneis secretos e barcos e bases vocês têm. Não vão vencer Maven, não desse jeito.

Lágrimas que eu não sabia que ainda tinha me ardem nos olhos, fervilham à lembrança de Maven. É difícil esquecer como ele era. *Não*. Como fingia ser. O garoto gentil, esquecido. A sombra do fogo.

— E o que você sugere então, garota elétrica?

A voz de Farley ecoa dentro de mim como minhas próprias faíscas, deixando todos os meus nervos à flor da pele. Por um breve e árido segundo, fixo o olhar nas mãos, enroladas nos lençóis de Shade. Talvez ela vá embora se eu não virar para trás. Talvez me deixe em paz.

Não seja tão idiota, Mare Barrow.

— Combater fogo com fogo — digo ao levantar. Antes eu me intimidava com a altura dela. Agora olhar para cima me parece natural e familiar.

— Isso é algum tipo de piada prateada? — ela provoca, cruzando os braços.

— Tenho cara de quem está fazendo piada?

Ela não responde, o que é suficiente. No silêncio dela, me dou conta de que o resto do compartimento se calou. Mesmo os feridos abafam a dor para assistir à garota elétrica desafiar a capitã.

— Vocês prosperam parecendo fracos e atacando forte, certo? Bom, eles fazem o possível para parecerem fortes, invencíveis. Mas, na arena, eu provei que não são. — *De novo, mais alto, para todos ouvirem.* Apelo para a voz firme que Lady Blonos avivou em mim. — Eles *não* são invencíveis.

Farley não é burra e não tem dificuldade para acompanhar minha linha de raciocínio.

— Você é mais forte do que eles — diz. Em seguida, seus olhos se desviam para Shade, estirado no leito. — E não é a única.

Confirmo suas palavras com um aceno firme da cabeça, contente por ela já saber o que quero.

— Centenas de nomes, centenas de vermelhos com poderes. Mais fortes, mais rápidos, melhores do que eles, com o sangue tão vermelho quanto a aurora. — Meu fôlego vacila, como se soubesse que está na fronteira do futuro. — Maven vai tentar matá-los, mas se chegarmos primeiro, eles podem se tornar...

— O maior exército que o mundo já viu — completa Farley; seus olhos cintilam só de imaginar. — Um exército apenas com sanguenovos.

Quando ela sorri, o corte força os pontos, ameaçando abrir de novo. O sorriso dela se alarga. Ela não se importa com a dor.

Mas eu com certeza me importo. Acho que sempre vou me importar.

QUATRO



FARLEY NÃO É TÃO ALTA QUANTO KILORN, mas seus passos são mais rápidos, determinados e difíceis de acompanhar. Faço o possível, quase trotando para seguir o ritmo dela pelo corredor do mersivo. Como antes, os rebeldes saem da frente para abrir caminho, mas agora eles também nos cumprimentam, levando a mão ao peito ou os dedos à testa. Devo admitir que a aparência de Farley impressiona, ostentando todas as cicatrizes e feridas como se fossem joias. Ela parece não se importar com o sangue no jaleco e esfrega as mãos nele, distraída. Parte daquele sangue era de Shade. Ela arrancou a bala no ombro dele com as próprias mãos, sem nem piscar.

— Ele não está trancafiado, se é isso que você pensa — ela diz com um toque de humor, como se a conversa sobre a prisão de Cal fosse uma fofoca qualquer.

Não sou burra a ponto de morder a isca, não agora. Ela está me analisando, testando a minha reação, a minha *fidelidade*. Só que não sou mais a garota implorando por ajuda. Já não é tão fácil ler meus pensamentos. Já vivi no fio da navalha, equilibrando uma mentira sobre a outra, me escondendo. Não custa nada fazer o mesmo agora e enterrar bem fundo o que estou pensando.

Então começo a rir, estampando no rosto o sorriso que aprimorei na corte de Elara.

— Dá pra perceber. Não tem nada derretido — replico, apontando para as paredes de metal.

Observo Farley enquanto ela tenta me examinar. Ela mascara bem a própria expressão, mas seus olhos deixam à mostra um vestígio de surpresa. Surpresa e *curiosidade*.

Não esqueci como ela tratou Cal no trem: algemas, guardas armados e desprezo. E ele aceitou tudo como um cachorro abandonado. Depois da traição do irmão e do assassinato do pai, ele já não tinha nenhuma vontade de lutar. Não o culpei. Mas Farley não conhece seu coração — nem sua força — como eu. Ela não sabe o quanto ele é perigoso de verdade. *Ou o quanto eu sou perigosa, aliás*. Mesmo agora, apesar das muitas feridas, sinto a energia lá dentro, chamando a eletricidade que pulsa pelo mersivo. Poderia controlá-lo se quisesse. Poderia desligar este negócio inteiro. Poderia afogar todos nós. A ideia letal me faz corar, envergonhada por pensar algo assim. Mas ao mesmo tempo me conforta. Sou a arma mais poderosa numa embarcação cheia de guerreiros, e eles parecem não perceber.

Parecemos fracos porque queremos. Shade se referia à Guarda ao dizer isso, queria explicar os motivos do grupo. Agora começo a me perguntar se ele também não estava tentando transmitir uma mensagem, como as palavras escritas numa carta muito tempo atrás.

O alojamento de Cal fica no fim do mersivo, resguardado do alvoroço do resto da embarcação. A porta está praticamente escondida atrás de um emaranhado de canos e caixas vazias cujos rótulos dizem “Archeon”, “Haven”, “Corvium”, “Delphie” e até mesmo “Belleum”, que fica em Piedmont ao sul. Não sei dizer o que essas caixas continham antes, mas os nomes das cidades prateadas me dão um frio na espinha. *Foram roubadas*. Farley percebe que estou olhando para as caixas, mas não se dá ao trabalho de explicar. Apesar do nosso acordo precário sobre aqueles que ela chama de “sanguenovos”, ainda não adentrei o círculo mais profundo dos segredos dela. Imagino que Cal tenha algo a ver com isso.

A fonte de energia do mersivo, seja lá qual for — um gerador poderoso, pelo que sinto —, treme sob meus pés e faz meus

ossos vibrarem. Torço o nariz de desgosto. Farley pode não ter trancafiado Cal, mas também não está sendo gentil. Entre o ruído e o sacolejo, começo a duvidar que ele tenha conseguido dormir pelo menos um pouco.

— Imagino que este seja o único lugar onde você podia deixá-lo, certo? — pergunto, cravando os olhos naquele canto atulhado.

Ela dá de ombros e esmurra a porta.

— O príncipe não reclamou.

Não esperamos muito, embora eu desejasse um tempo para me recompor. A tranca circular começa a se mover em questão de segundos, com giros rápidos e barulhentos. As dobradiças de ferro rangem, gritam, e Cal abre a porta.

Não me surpreendo ao vê-lo ereto, ignorando as próprias dores. Depois de uma vida inteira se preparando para ser um guerreiro, ele está acostumado com cortes e hematomas. Mas ele não sabe esconder as cicatrizes interiores. Ele evita meu olhar, preferindo focar em Farley, que não percebe ou não quer perceber o coração dilacerado do príncipe. De repente, parece mais fácil suportar minhas próprias feridas.

— Capitã Farley — ele diz, como se ela tivesse vindo importuná-lo à hora do jantar. Usa o tom aborrecido para mascarar a dor.

Farley não suporta essa atitude e joga o cabelo curto para o lado, resmungando. Chega até a pôr a mão na porta como se fosse fechá-la.

— Ah, você não quer visitas? Que grosseria da minha parte!

Fico discretamente feliz por não ter deixado Kilorn nos acompanhar. Ele seria ainda pior com Cal, já que o odeia desde a primeira vez que se encontraram, em Palafitas.

— Farley — chamo por entre os dentes cerrados.

Minha mão interrompe o movimento da porta. Para minha alegria — e desgosto —, Farley recua instintivamente ao meu toque. Logo ela fica com o rosto inteiro vermelho, com vergonha de si mesma e do seu medo. Apesar da fachada de

dureza, ela é igual a seus soldados. Tem medo da garota elétrica.

— Acho que nos viramos sozinhos a partir daqui — completo.

O rosto de Farley se contrai, uma pontada de irritação, tanto com ela mesma quanto comigo. Mas ela concorda, grata por se retirar da minha presença. Depois de lançar um último olhar afiado para Cal, dá meia-volta e desaparece pelo corredor. Os berros de suas ordens ecoam por um instante, indecifráveis, mas fortes.

Cal e eu a seguimos com o olhar. Depois, fitamos a parede, o chão, os próprios pés, com medo de nos encarar. Medo de relembrar os últimos dias. A última vez que trocamos olhares na soleira de uma porta rendeu aulas de dança e um beijo roubado. Talvez tudo isso pertença a outra vida. *Porque era mesmo outra vida. Ele dançou com Mareena, a princesa perdida, e Mareena está morta.*

Mas as lembranças dela permanecem. Quando entro no compartimento, meu ombro roça o braço firme de Cal, e me lembro da sensação e do cheiro e do gosto dele. Calor, brasas de madeira, nascer do sol. Agora não mais. Cal cheira a sangue, sua pele é como gelo, e digo a mim mesma que não quero sentir o gosto dele nunca mais.

— Estão te tratando bem? — falo primeiro, começando com um assunto fácil. Uma rápida olhada pelo compartimento limpo, embora pequeno, é resposta suficiente, mas quero quebrar o silêncio.

— Estão — ele responde, ainda parado diante da porta aberta, refletindo se deve fechá-la ou não.

Meus olhos se deparam com um painel aberto na parede, revelando um emaranhado de fios e chaves. Não posso conter um leve sorriso. Cal andou xeretando.

— Você acha isso uma boa ideia? Um fio errado e...

Meu comentário arranca um sorriso fraco dele, mas mesmo assim reconfortante.

— Passei metade da vida lidando com circuitos elétricos. Não

se preocupe, sei o que estou fazendo.

Ambos ignoramos o duplo sentido da frase.

Ele finalmente decide fechar a porta, embora a deixe destrancada. Uma mão se apoia contra a parede de metal, espalmada, à procura de algo em que se agarrar. A pulseira de chamas ainda reluz em seu punho, prata cintilante contra um cinza opaco e duro. Ele percebe meu olhar e abaixa a manga da camisa manchada. Acho que ninguém pensou em lhe dar uma muda de roupa.

— Ninguém vai se preocupar comigo enquanto eu ficar no meu canto, acho — ele diz, e volta a mexer no painel aberto. — Até que é bom — ele acrescenta, mas a piada não tem graça.

— Vou garantir que as coisas continuem assim, se é isso que você quer — emendo depressa. Para ser honesta, não faço ideia do que Cal quer no momento. *Além de vingança, a única coisa que ainda temos em comum.*

Ele me encara com a testa franzida, quase achando graça.

— Ah, a garota elétrica está no comando agora? — Ele não me dá chance de reagir à provocação. Diminui a distância entre nós com um passo largo, estreita o olhar e continua: — Tenho a sensação de que você está tão acuada quanto eu. Só que você parece não perceber.

Meu rosto fica vermelho de raiva — e vergonha — na hora.

— Acuada? Não sou eu que me escondo num armário.

— Não, você está ocupada demais desfilando por aí. — Ele se inclina para a frente e o calor familiar entre nós retorna. — *De novo.*

Parte de mim sente vontade de dar um tapa na cara dele.

— Meu irmão *jamais* faria...

— Eu pensava que meu irmão também *jamais* faria várias coisas, e veja onde fomos parar! — ele interrompe, esbravejando. Cal abre os braços, exasperado, e as pontas dos dedos tocam as paredes, arranhando a prisão em que ele se encontra. *A prisão em que eu o prendi.* E ele me aprisionou consigo, quer tenha consciência ou não.